

O agronegócio é o seguinte

## Agroinflação global

O SEGUNDO semestre de 2006 parecia um divisor de águas de um período marcado por copiosos subsídios para produzir e carregar grandes cargas de excedentes da produção agropecuária. Eram montanhas de grãos e rios de leite. Naquele momento, com grande vigor, os Estados Unidos reforçaram seus programas de energia renovável e a China prosseguia sua notável inserção no mercado global. O mapa da agricultura mundial passaria a desenhar um novo contorno para atender à demanda mundial. Os preços das *commodities* agrícolas ganharam força nas bolsas internacionais e provocaram pressões inflacionárias nos quatro cantos do Planeta.

As expectativas eram de que esse movimento não seria duradouro, mas uma volta ao passado seria muito pouco provável. O fato econômico real era que, apesar do aumento da produção mundial, os estoques mundiais dos principais produtos agropecuários continuavam estáveis e até caíram nos últimos anos, enquanto a demanda prosseguia firme. Nos Estados Unidos, as áreas de milho crescem para suprir a indústria do etanol e encurtam o espaço da soja e do algodão. Por sua vez, a demanda por cereais, oleaginosas e fibras não arrefece. A proteína animal, como a carne e o leite, sofre o impacto no custo do arraçãoamento. Para compensar esse encolhimento na oferta e o maior preço dos alimentos, o cultivo precisa ser desenvolvido em outros continentes, como a América do Sul. Nada disso parece agora tão claro, com as tensões no mercado financeiro mundial e sem conhecer o efeito de sua durabilidade e as repercussões sobre o agronegócio mundial.

Embalado num contexto aquecido, mas sem saber se prevalecerá, o Brasil planta a sua grande safra de verão 2007/08. Se o ambiente do ponto de vista de mercado é favorável, as seqüelas negativas dos empréstimos tomados para investimentos e as quebras de renda nas temporadas 2004/05 e 2005/06, limitam a capacidade de reação do setor. Com endividamento alto, os agentes financeiros apertam o cinto na liberação dos empréstimos. Nos últimos dois anos, as aplicações ficaram aquém das metas estabelecidas nos Planos de Safras lançados pelo Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Além dessas dificuldades, existe o risco cambial. A valorização do real reduz a competitividade do agronegócio e altera de forma negativa a relação de troca do setor. Mesmo assim, em geral, deverá ocorrer ampliação, ou melhor, recuperação da redução de área ocorrida nos últimos dois anos. Com perspectivas de boa rentabilidade, a soja continua como o grande carro-chefe na alavancagem da

produção. O arroz também promete um desempenho melhor, enquanto a situação do algodão não é bem clara. O milho, com o grande excedente de produção, reduzirá área, que será compensada na conhecida safrinha.

Na pecuária, as notícias também são de alta nos preços. Para ambas as atividades, existe uma explicação comum do ponto de vista estrutural. A fraca remuneração dos últimos anos levou os criadores a abaterem dramaticamente suas matrizes, acima da taxa de estabilização do rebanho. Com as exportações elevadas e uma firme demanda interna, faltam animais para abate e leite para atender ao abastecimento interno.

Paralelamente ao Brasil, a Argentina também semeia a sua safra de verão. As perspectivas iniciais eram alvissareiras no sentido da produção romper a barreira de 100 milhões de toneladas. Porém, o apagão energético no País reduziu a oferta de insumos e equipamentos agrícolas, bem como restringiu a capacidade de processamento da agroindústria. Existe um grande descontentamento da liderança rural com relação à política governamental que, ao priorizar o abastecimento interno, limita quantitativamente a exportação, como nas carnes e, em casos extremos, como no trigo, chega a suspendê-la.

Na parte dos organismos geneticamente modificados, os conflitos prosseguem no Conselho Técnico Nacional de Biossegurança (CTNBio), quando se trata da liberação de produto comercial. Depois de anos sem definição e disseminação ampla no campo, os cultivos da soja transgênica Roundup Ready e do algodão Bollgard, respectivamente, de 1998 e 2003, somente ocorrem no País por autorização especial do presidente Lula. Agora é o milho Liberty Link que entra na batalha judicial para a sua liberação comercial. O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) apresentaram recursos ao Conselho Nacional de Biossegurança (CNBS) para anulação da sua decisão. A liberação de outro milho OGM, Omon 810, resistente a insetos, coloca mais lenha na fogueira.

**Agroanalysis** ainda apresenta matérias sobre as mudanças em curso na citricultura paulista, o desempenho do setor de fertilizantes e as dificuldades na cadeia produtiva da triticultura, dentre outras. Destaque importante para os biocombustíveis, quanto à colocação de barreiras técnicas e ao seu balanço na União Européia em termos de oferta e demanda. No Brasil, enquanto o etanol vai de vento em popa, o biodiesel revela ser uma idéia forte, mas de fraca execução. ■